

Valor humano da filosofia

Uma introdução

DIAMANTINO MARTINS

Faculdade de Filosofia de Braga

Determinar o valor humano da filosofia supõe resolvida a questão mais geral do valor do conhecimento na vida do homem, porque a filosofia é uma das espécies do conhecimento.

Qual o lugar do conhecimento em geral na vida humana? Ordinariamente tem-se por ideal para a vida o máximo conhecimento tido como possível, das mais simples às mais complexas actividades da vida humana, em que a vontade escolheria em plena luz. Estudando a questão mais de perto, vemos que as nossas escolhas têm sempre uma margem não só de indeterminação mas de indeterminabilidade, antes da sua realização.

Quer isto dizer que existe um elemento de “risco”, de “aventura” e de “imprevisto” em toda a escolha humana. Um certo factor de “ignorância” entra necessariamente como constitutivo da própria vida do homem, na sua realização concreta.

Só *a posteriori*, portanto, se pode justificar, na sua individualidade, a vida real: se foi ou não razoável *em si* a nossa escolha. Antes só se pode qualificar *quoad nos*: se agimos prudentemente, se calculámos, enquanto humanamente possível, todos os dados ao nosso alcance.

A vida humana pode ser considerada, na sua totalidade, como dinâmica concreta autodirigida, uma mas infinitamente complexa, tanto em cada indivíduo em particular como na humanidade em geral, mas cuja autodirecção se ignora em pormenor, na sua individuação, de modo que as formas que tanto os indivíduos como as sociedades têm a cada momento que escolher nunca são, na sua individualidade, previamente conhecíveis, mas só especificamente.

A vida humana aparece assim, em todas as suas manifestações, como uma coisa sempre nova na sua realização concreta, não obstante todos os cálculos e previsões. Tudo se pode prever, menos o que é por sua natureza imprevisível — a individualidade. Onde entra a liberdade é unicamente determinável a probabilidade máxima do comportamento do sujeito livre, em função do comportamento anterior, do carácter, da motivação conhecida. Tal probabilidade é metafisicamente calculável e independente do sucesso futuro; mesmo que se não realize, o mais provável segundo as previsões continuará a ser o mais provável, mesmo depois de não realizado. Só o certo deixaria de o ser se se não realizasse.

As correntes mais ou menos irracionistas tendem a comprazer-se nestas limitações do conhecimento humano, mesmo no acto mais decisivo que é a “escolha”. Mas as limitações não devem fazer esquecer a realidade de que são simples negação. Não se deve apresentar como trevas realizadas o que é simples negação de mais luz, luz que é o signo sob que nasce ao mundo e se desenvolve o homem. A luz fere-o ao nascer e os olhos arregalados são o protótipo da sua atitude face à realidade e à vida.

Se é verdade que há um factor inconsciente e incognoscível em toda a vida, é em plena luz que se deve desenvolver a nossa personalidade total.

O saber é tão necessário à vida, como o sustento. Os sentidos são portas sempre abertas de uma alma que necessita de verdade, imperiosamente. A criança passa horas inteiras simplesmente a olhar, sem se cansar de ver. O gosto de vir para a rua, de passear, de conhecer coisas sempre novas é a necessidade imperiosa de um entendimento vazio buscando enriquecer-se. Não nos cansamos de aprender enquanto a vida se não cansar em nós.

Este saber que nos irá norteando a vida adquire-se pelos mais diversos processos: experiências próprias, verdades ouvidas, lições de coisas e de atitudes que em nós penetram, imperceptivelmente talvez, conclusões a que chegamos com os nossos raciocínios e demonstrações. São as ideias que regem o mundo. Mas precisam de ser incarnadas.

Sucede, porém, que nem sempre o dinamismo de uma ideia é proporcional, considerada abstractamente, ao seu valor intrínseco. À medida que uma ideia se desincarna em puros conceitos impessoais volatiliza-se-lhe a força realizadora.

É aqui que surge o ponto preciso de inserção do nosso problema. Se a acção humana é um produto imediato dos princípios recebidos como verdadeiros pelo sujeito, em conexão com a sua capacidade pessoal de realização, qual a influência do carácter filosófico do conhecimento para a acção e para a vida?

O que faz uma ideia numa inteligência manifesta-se no desabrochar do rosto que compreende pela primeira vez uma verdade qualquer. A verdade age então com toda a sua energia, sem as desatenções do hábito ou do "já visto".

A simples compreensão da verdade realiza-nos, psicológica e entitativamente, porque o conhecimento não pode existir sem a acção por ele condicionado. Quem descobriu alguma vez na vida sabe por experiência o que é a transformação interior operada pela verdade, quer tenha descoberto uma ideia grande, invento de técnica ou nova beleza no mundo.

Nada mais perfeito do que chamar luz à inteligência, mas temos que atender à simples materialidade dos valores, e não só à sua formalidade. As maravilhas da arte, da técnica e dos sistemas são simples determinações dessa realidade interior que é o conhecimento. Algumas vezes admiramos as obras-primas, mas raramente notamos os actos criadores donde essas obras nasceram. No entanto o que nos extazia é apenas pálido reflexo do clarão que o artista tentou em vão, até ao desespero, incorporar na matéria. Para o artista o acto de criar tem imensamente mais valor que qualquer obra por ele produzida, porque nunca realiza quanto idealiza ou intui. A beleza do acto criador, nas criações humanas, é superior à beleza por ele produzida, e desta beleza superior nos esquecemos.

Não é necessário insistir sobre o desabrochar produzido em nós pela verdade, porque todos o experimentamos. A alegria da descoberta é a alegria do acto novo que em nós surge, ao encontrar a verdade. Só se busca o que não se tem; daí a felicidade do encontro. Se surge de novo a inquietação não é porque a verdade achada nos cause; é porque alguma coisa ainda nos falta. É o que nos falta que nos traz inquietos: a verdade que não temos, o ser que não possuímos. Não se busca a inquietação como inquietação, mas a quietação da inquietação, a realização inicial, embora imperfeita, que é todo o movimento espontâneo de um ser para o seu objecto próprio.

Somos mais, portanto, e tornamo-nos melhores, na ordem dos valores correspondentes; ao descobrir alguma coisa. Não há perigo de subjectivismo, neste domínio da subjectividade a que nos confinamos. A beleza da descoberta não se pode separar da beleza da coisa que se descobre, nem a beleza da verdade da beleza do verdadeiro. A luz dos nossos olhos vem da luz que nos ilumina.

Max Scheler tem um livro intitulado *O posto do homem no Cosmos*. Temos de considerar *o posto do Cosmos no homem*, o lugar que ocupa na vida humana o mundo das representações e das coisas representadas, de qualquer género que sejam.

Em primeiro lugar o mundo das simples apreensões, em que entram as ideias feitas, atingidas como apreensões complexas, de qualquer modo que sejam recebidas. Parte actual, parte latente, é um cosmos de representações carregadas de energia, esforçando-se por realizar-se. É o presente psicológico, a ocupar o centro claro e distinto da consciência, e o mundo inconsciente a ele ligado, de que falam a psicanálise e as psicologias de profundidade em geral.

Importa, contudo, não tanto a acção imediata das pessoas e das coisas, ou do objecto como objecto, como a auto-estruturação do sujeito em face do que se lhe opõe. Perante a realidade com que nos encontramos ao acharmo-nos no mundo (as coisas, os outros, Deus) opera-se uma estruturação ôntica, pela atitude que tomarmos perante o *objecto*. Esta atitude especifica-nos essencialmente, na linha da existência.

Sujeito e objecto unem-se num princípio único de actividade. Nem sempre, porém, é idêntico o respectivo coeficiente de acção; no limite está, dum lado, a acção puramente reactiva, da parte do sujeito, que simplesmente transmite o que lhe vem do objecto; do outro, a subjectividade pura, o querer por querer, o afirmar-se do sujeito por afirmar, por nada mais.

Entre os dois extremos, imagens e sentimentos, ideias e impressões apresentam-se como focos dinâmicos de acção, quer esquematizando e esboçando movimentos que a vontade actuará, quer dando forças a esquemas existentes. Podem permanecer por longo tempo em estado de latência, por forças equivalentes opostas, até que o desaparecimento destas lhes permita manifestarem-se a descoberto.

Interessam particularmente para a acção as ideias e os princípios de valor que se admitem. São soluções gerais, condensadas talvez numa

simples frase, aforismo ou *slogan*, prontas a serem aplicadas e entrarem em acção, mesmo irreflectidamente, na primeira ocasião.

Em vez das mil e uma proposições lógicas abstractas em que a verdade se pode exprimir, importa para a acção a representação viva de todas elas. Todos os conteúdos possíveis se podem fundir, idealmente, nesta representação dinâmica, psicologicamente una, todo mais ou menos diferenciado, mais ou menos consciente, conforme o nível que se considera, e mais ou menos distinto e reflexamente conhecido. Nesse todo que é o nosso presente actual têm importância capital, na ordem da eficiência, os chamados fins, como princípios de orientação dos elementos constitutivos da personalidade. Não interessam os fins aparentes, mas só os fins reais, sob qualquer disfarce que se escondam, porque só eles realmente nos movem. Distinguem-se por um critério fácil: são aquilo em que paramos, enquanto os meios são aquilo por onde nos contentamos com passar, para ir mais adiante. Se paramos em coisas que chamamos meios, essas coisas são realmente fins. É uma regra sem excepção, que serve para evidenciar todo o fim autêntico e todo o meio meramente aparente, mas fim na realidade.

Não é, portanto, uma representação qualquer que interessa, simplesmente, mas a representação do que nós escolhemos ou fazemos nosso pela aceitação voluntária e plena, à luz do dia, porque nem sempre assim sucede. Há, efectivamente, duas espécies de consentimento; um de profundidade ou de adesão das tendências profundas, outro de superfície, não coincidindo necessariamente um com o outro: podemos recusar superficialmente o que aceitamos do mais íntimo de nós mesmos, ou ao contrário.

S. Agostinho fala da unificação do homem pela unidade do objecto da sua escolha, em vez de se perder na dispersão pela multiplicidade dos objectos. Assim é, de facto. Temos em nosso poder a nossa própria essência individual, na sua realização, o homem em que a cada momento nos transformamos. Não é, contudo, ilimitado o âmbito da nossa escolha, porque o homem como projecto que se realiza tem necessariamente por base os dados do mesmo projecto, aquilo com que vimos ao mundo.

Dentro dos limites indicados, a qualidade da nossa evolução temporal depende da qualidade das nossas representações. Conforme as representações que admitirmos no nosso psiquismo será a actuação correspondente da nossa personalidade. A vontade preside a essa for-

mação, mas os seus poderes não são discricionários; os mecanismos psicológicos e as leis porque se regem são-lhe impostos; só sujeitando-se a eles os pode dominar.

Para isso temos de conhecer essas leis, porque sem esse conhecimento tal domínio é impossível. É necessário tê-las presentes, quando fôr necessário dominá-las conscientemente.

Surgem sem dúvida dificuldades. Dentro das várias circunstâncias há sempre diversos homens possíveis, um dos quais unicamente pode ser efectivamente escolhido e realizado. Fica sempre a nostalgia do que poderíamos ser, do eu possível que temos de abandonar, para poder ser alguma coisa; só em imaginação se pode ser tudo ao mesmo tempo, sem limitações. Essa nostalgia, porém, não é definitiva; dura apenas enquanto não realizarmos plenamente o homem que escolhemos. Toda a realização perfeita é perfeitamente pacificadora, num nível ou outro da personalidade. A ideia do que deixamos não nos faz sofrer; o que nos faz sofrer é só a vivência do que nos falta; a pura ideia, se não passa daí, não actualiza em nós movimentos espontâneos, que é impossível realizar plenamente; só deles vem o sofrimento do que choramos.

Considerada a vida no seu conjunto, as situações de equilíbrio são sempre mais ou menos instáveis; só na realização última de si mesmo, ao alcançar O para Quem fomos feitos, encontrará, eminentemente, o homem tudo quanto teve que deixar.

O condicionamento da auto-realização do indivíduo pelas representações e pelos objectos e pessoas representadas, mostra que repercussão tem, tanto para o indivíduo como para a sociedade, a atmosfera de imagens, ideias e princípios em que se desenvolve a vida. O mundo das representações forma um ambiente a cuja influência ninguém se pode eximir. Para lá das reacções espontâneas e das solicitações que as representações suscitam está a vontade livre, mas bem sabemos como é débil perante as atracções fascinadoras.

As representações, de qualquer género que sejam, têm os seus efeitos específicos próprios, sobre os quais nada pode, directamente, a vontade; se a vontade cede, está tudo perdido. Tratando-se de causalidade independente da vontade, querer a causa é querer necessariamente os efeitos, sem valerem de nada os "não quereria". Há representações e representações, imagens e imagens, música e música, arte e arte; basta comparar os sentimentos que nos inspiram Fra An-

gêlico e as imagens de tantas revistas, Beethoven e qualquer jazz de café. A admissão duma ou doutra imagem ou ideia no psiquismo faz cristalizar num sentido ou noutro toda a personalidade: ideias, sentimentos, tendências, realizações, a vida inteira.

No cimo da personalidade está o querer da vontade, conforme à natureza profunda e às exigências individuais de cada um. Juntam-se então, num equilíbrio harmonioso que não exclui combates, o dinamismo superior, dependente da vontade, e o dinamismo inferior, inerente às representações como tais (só indirectamente dependente da vontade). É necessário fazer coincidir o nosso querer real com as nossas tendências mais íntimas, substituindo o que se quereria ser, num mundo que não é o nosso, pelo que se pode ser de facto, dentro das nossas possibilidades concretas. Podemos muito mais do que julgamos, mas há também limites intransponíveis a todo o esforço humano, por mais heróico que seja.

Esta aceitação de nós mesmos como somos e como podemos vir a ser, dentro da nossa limitação, é condição indispensável da nossa pacificação interior. Realiza-se pela substituição dos desejos irrealis pelo querer real, dos sonhos pelas realizações, da vida em imaginação pela vida vivida.

Só aceitando totalmente a verdade nos conformamos a ela. Só assim também se opera a plena realização interior; esta torna-se princípio, por sua vez, de um mundo novo em que a verdade triunfa.

A aceitação de si mesmo e da realidade em toda a sua objetividade não obsta a planos nem a idealizações, mas serão sempre planos objectivos, que têm a realidade por base, e não sonhos sobre possibilidades que se não realizam. Também no domínio dos ideais se tem de substituir o irreal pelo real. Só assim estaremos na verdade e agirá em nós a verdade, conformando-nos a ela. O valor humano da filosofia não é só dizer *o que as coisas são*, é fazer *que as coisas sejam*. É onde triunfará o Existencialismo cristão.